

A PROBLEMÁTICA CONSTRUÇÃO DOS HERÓIS BARROCOS BRASILEIROS ALEIJADINHO E PADRE JESUÍNO DO MONTE CARMELO NA CRÍTICA ARTÍSTICA DE MÁRIO DE ANDRADE.

Bruna Mayer Costa¹, Mariana Macedo Trevisan², Matheus Henrique Gonçalves Silva³

O interesse pelo desenvolvimento dessa comunicação surgiu durante a feitura de uma pesquisa a ser apresentada na forma de seminário para a disciplina Barroco no Brasil (CAP0260), ministrada pela professora Doutora Ana Cândido Avelar, no Departamento de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo, no ano de 2014. Nesta pesquisa procurávamos traçar um panorama geral da produção paulista do período colonial e problematizar a monografia Padre Jesuíno em Monte Carmelo, proposta ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), de Mário de Andrade⁴. Pintor, escultor e entalhador atuante no período colonial brasileiro, o ituano tem obras a ele atribuídas espalhadas por todo planalto e litoral paulista e teve sua figura revelada a Mário de Andrade durante uma pesquisa de campo realizada a serviço do SPHAN.

Com o decorrer de encontros e discussões, levantamos questões sobre a proximidade da figura romantizada criada por Mário em seu texto biográfico⁵ e a figura já consagrada do herói barroco Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. O interesse levantado por estas questões, unido com a problemática noção de identidade brasileira pesquisada por certos autores modernos, como Antônio Cândido, Lourival Gomes Machado, e, posteriores, Paulo e Otília Arantes e Guiomar de Grammont, além do próprio Mário de Andrade, nos incentivou a realizar uma pesquisa mais aprofundada na qual procuramos expor e discutir estas duas figuras citadas anteriormente, suas funções no projeto Andradiano de cultura brasileira e identidade nacional e as fronteiras entre o academismo e o texto literário na pesquisa em arte, uma vez que a monografia perpassa os dois gêneros e mesmo estando no âmbito de pesquisa científica encomendada por um órgão público apresenta

1 Graduando em Licenciatura em Educação Artística pelo departamento de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

2 Graduando em Artes Visuais – Bacharel em Multimídia e Intermídia pelo departamento de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

3 Graduando em Licenciatura em Educação Artística pelo departamento de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

4 ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. São Paulo: Martins, 1963.

5 A monografia citada é composta por dois momentos: vida e obra.

em suas documentações bibliográficas furos históricos⁶.

A noção do barroco como ponto inicial da cultura brasileira vem na necessidade, nas palavras de Paulo e Otília Arantes, “de dotar o meio gelatinoso de uma ossatura moderna que lhe sustentasse a evolução”⁷. Ou seja, o modernismo brasileiro foi justificado por meio de uma busca de raízes históricas que sugerissem um por que para a produção a ser estabilizada e institucionalizada naquele momento. Vale notar que o termo “ossatura moderna” remete-se ao anacronismo de que se valem certos teóricos ao adotar noções artísticas, emancipatórias, e até, nas palavras de Guiomar, marxistas, para tratar de um período no qual a produção se mostrava distante, tanto esteticamente quanto funcionalmente, de suas realidades. A escolha do período colonial barroco para a construção dessa ossatura moderna dialoga muito mais com questões políticas e com, como diria Maria Stella Bresciani, um ressentimento com o colonizador do que com questões propriamente estéticas. O interesse aqui era construir uma noção de identidade nacional, um *lugar-comum* artístico, político e social. Este interesse é notado de forma implícita, segundo Grammond, em todos os estudos relacionados ao tema, devido a certo ressentimento contra o colonizador, talvez mais acentuado no caso brasileiro – em função de uma iniciativa da elite brasileira da quebra das amarras culturais que ainda ligavam o recém formado Brasil a seu colonizador europeu, para fins políticos de formação da unidade nacional.

Para a legitimação das ideologias propostas pela elite cultural e pensante, implícitas no projeto de identidade nacional, é notável a importância de figuras célebres, heróis, tanto políticas, quanto populares, para servir de exemplo e difundir o ideário em questão. A empatia provocada na população por essas figuras bastaria, na teoria, para a aceitação desse pensamento proposto por essas elites, uma vez que fornece exemplos empíricos a serem celebrados e espelhados.

Neste contexto, Rodrigo Bretas apresentará a figura de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em forma biográfica ao IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), órgão governamental que tinha como uma de suas tarefas erigir um *panteon* dos “heróis brasileiros” para institucionalizar esse ideário nacional⁸. Este texto serviu como base para todos os estudos posteriores que

6 O próprio autor admite a dificuldade de encontrar fontes históricas confiáveis uma vez que documentos dos próprios cartórios e unidades públicas das cidades apresentavam divergências com relação a datas e outras informações, por exemplo.

7 Arantes, Otília Beatriz Fiori; Arantes, Paulo Eduardo. *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido*, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 12.

8 BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos do finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*. Minas Gerais: UFMG, 2013.

trataram deste herói do período colonial. É interessante notar que a figura proposta por Bretas terá uma leitura diferente para cada teórico de acordo com seu contexto histórico e com seu objetivo.

O herói Aleijadinho será construído no texto a partir de escassos registros documentais, notas e a partir do relato oral da nora do artífice e de boatos locais. Além de se basear nos tópicos anteriores, para Grammond, Bretas flertou com contos populares, biografia de outros artistas (como as escritas por Vasari), narrativas contemporâneas a ele e com o sentimento literário romântico de sua época.⁹ Em sua tese, a autora aproxima o mulato de figuras como Quasímodo, situações pelo escritor narradas com grandes anedotas da história da arte (existe referência a Michelangelo) e populares, como a da Cinderela – na qual ela deixa um sapatinho de cristal conscientemente para ser posteriormente encontrada em comparação com um Aleijadinho que constrói metade de um portal “genial”, o que faz com que a população procure o gênio que o entalhou.

A noção de herói, bem como sua aproximação com a noção de gênio, é usada por Bretas de forma anacrônica, uma vez que os dois termos são posteriores a realidade vivida por Aleijadinho. Grammond parafraseia Roger Bastide:

Para o autor, no Ocidente, o modelo do herói é o fundamento mitológico sob a caracterização da figura do artista. O herói é aquele que já vem ao mundo predestinado ao sofrimento: não importa o que faça, seu destino é marcado pela fatalidade que o conduz sempre para um fim trágico. Para Bastide, o mundo moderno, caracterizado por um individualismo crescente, apropriou-se desse modelo e o justapôs ao conceito romântico de gênio.¹⁰

Muitos autores questionaram o texto de Bretas por seu anacronismo e pela validade de suas informações, o que levou o SPHAN e seus pesquisadores a levantar dados e documentações que atestassem a autoria das obras a Aleijadinho atribuídas e sua própria existência. Mário de Andrade, em seu livro *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*, defenderá o texto de Bretas criticando as dúvidas “desnecessárias” levantadas pelo pesquisador, uma vez que estas apenas fragilizavam sua teoria da formação e não apresentavam respostas para a lacuna que criavam¹¹. Para Mário, e uma

9 Maiores informações poderão ser obtidas em GRAMMONT, Guiomar de. “O Aleijadinho de Bretas e o Aleijadinho Real”. In: GRAMMONT, Guiomar de. *O Aleijadinho e o Aeroplano – o paraíso barroco e a construção do herói colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.65 – 131.

10 GRAMMONT, Guiomar de. *O Aleijadinho e o Aeroplano – o paraíso barroco e a construção do herói colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 53.

11 ANDRADE, Mário de. “O Aleijadinho”. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

parte do pensamento moderno, o barroco seria o ponto inicial de nossa “arte brasileira”, um momento onde o “talento nato” e o “sentimento brasileiro” ainda não haviam sido corrompidos pelos cânones e pela instrução implantada com a Academia Imperial de Belas Artes. Mário interpreta, no texto de Bretas, a quase nula formação do artífice como um atestado de seu “talento brasileiro”, e em seu mulatismo, o cruzamento das tristes raças formadoras do país.

Em toda a leitura andradiana, sobretudo no que diz respeito à defesa da Semana de Arte Moderna de 22, nota-se um sentimento regionalista e certa “paixão” pelo planalto paulista. Em expedição pelo interior do estado, procurando construções e produções artísticas do período colonial a serem catalogadas pelo SPHAN, o intelectual manifestou, em correspondência a Rodrigo de Mello Franco (diretor do SPHAN e amigo pessoal), um profundo descontentamento com o que havia achado:

Não é possível esperar-se de S. Paulo grande coisa com valor artístico tradicional. As condições históricas e econômicas deste meu Estado, a contínua evasão de Paulistas empreendedores para outras partes do Brasil nos sécs. XVII e XVIII, o vertiginoso progresso ocasionado pelo café, são as causas principais da nossa miséria artística tradicional. Ou ruínas de quanto o progresso rastaquera não cuidou de conservar, ou precariedades duma gente dura e ambiciosa, que menos cuidava de delicias que aventura. Se é sempre certo que sobram aos Paulistas mil meios de se consolar de sua pobreza artística tradicional: consolação não modifica a verdade. E esta é a que V. Ex.^a surpreenderá da enumeração que segue:...¹²

Em comparação com a situação mineira, São Paulo não apresentava construções tão luxuosas, resistentes e planejadas, nem mesmo um grande número de obras. Segundo Etzel¹³, a promessa do ouro fez migrar uma quantia significativa de homens para as Minas, o que causou um déficit populacional no nosso planalto. São Paulo, como rota de passagem, absorvia e possuía parte das riquezas. Em uma leitura sociológica da época, o autor trata os paulistas como pessoas reservadas em suas finanças, o que justificaria o investimento por parte dos mesmos em, ao invés de construções grandiosas, obras de fácil manuseio, como pequenas peças de sacristia, pratarias e etc.

12 ANDRADE, Mário de. Mário de Andrade, cartas de trabalho : correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945). Brasília : Ministério da Educação e Cultura, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981. p. 80

13 Em seu Livro [O barroco no Brasil: psicologia: remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul](#). São Paulo: Melhoramentos: Universidade de São Paulo, 1974.

Um dos achados de Mário, porém, substituiu o descontentamento anterior por uma ânsia, no nosso ver, de valorização da produção paulista também no período colonial. Depois de muito visitar sítios e cidades interioranas, Mário se depara, em Itu, com a possibilidade de construção de um herói paulista ao entrar em contato com algumas obras atribuídas ao Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Para o pensador, o SPHAN deveria investir em um estudo detalhado da história e da produção deste artífice – trabalho este que Mário se sentia inseguro de realizar devido à dificuldade do levantamento de dados e documentos para uma construção “monográfica” destinada a um órgão público.

Mesmo com ressalvas levantadas pelo pesquisador, Rodrigo insiste que Mário se encarregue da elaboração do trabalho, fazendo com que o mesmo inicie um intenso processo de pesquisa e levantamento de dados, documentos e obras por cartórios, construções religiosas e arquivos públicos e da Ordem Terceira do Carmo (maior financiadora do trabalho do artífice). Com o encaminhamento da pesquisa, podemos perceber, na leitura de suas cartas de trabalho, que o intelectual passa a se “apaixonar” pela figura heroica que pretendia apresentar. Maria Silvia Ianni Barsalini defende, em sua tese de doutorado “Mário de Andrade constrói o Padre Jesuíno do Monte Carmelo”, que com esse afeto pelo biografado, “o mergulho na ficção é inevitável”. O autor cria “um personagem projeção de si mesmo”.

Sobre o gênero biográfico, Barsalini cita o filósofo André Maurois: “a biografia é um gênero difícil: ‘exigimos dela os escrúpulos da ciência e os encantos da arte, a verdade sensível do romance e as mentiras eruditas da história’.”¹⁴ Baseando-se em *O Desafio Biográfico – Escrever Uma Vida*, de François Dosse, a Doutora defende a ideia de que a biografia retém uma constante tensão: há o desejo de historiador em retratar o passado tal como ele foi, e, ainda, a necessidade de difundir-lo com a imaginação. Isso acontece pela ambição de dar vida ao biografado; a ânsia pela verdade é acometida por lacunas e falhas documentais. Como disse Mário de Andrade, “mas alguma coisa preciso sempre historiar”. Então, o gênero biográfico é tal que mescla história e criatividade literária, mas, envolve de tal jeito o biógrafo que reflete o mesmo no biografado e essa empatia criada transforma o personagem em um herói romantizado.

14 BARSALINI, Maria Silvia Ianni. Mário de Andrade constrói o Padre Jesuíno do Monte Carmelo. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-07122011-111729/>>. Acesso em: 2015-01-04.

Embora Barsalini ressalte em sua tese os pontos convergentes da história pessoal de Mário de Andrade e da tradição oral e documentada da vida de Jesuíno, o que mais nos chama atenção aqui é a ideologia moderna propagada através da construção deste herói, defendida não só por Mário, mas também pelo próprio SPHAN, órgão para o qual a monografia foi destinada. É possível traçar paralelos também com os próprios projetos literários do autor. Podemos detectar em Jesuíno, por exemplo, traços de Macunaíma¹⁵, obra que também faz parte deste projeto de identidade nacional.

Na narrativa de ambos heróis tratados por nós, podemos encontrar *lugares-comuns* onde convergem situações e estratégias literárias. Para Guiomar, como outros textos incluídos neste gênero, a descrição física da personagem é coerente com o que será narrado em seguida, buscando-se adequação do caráter às ações. Assim, como é praticamente impossível deduzir a real aparência destes artífices, tanto Bretas quanto Mário utilizaram-se desta lacuna de dados com o fim de preparar e situar o leitor para a narração que acontecerá em seguida. Em seu livro, a autora defende:

Quanto mais exótico puder parecer esse artista, melhor, já que sua imagem nada mais é do que uma sobrevalorização, efeito de discriminação positiva em uma deglutição antropofágica (no sentido que o modernismo cunhou para o termo) da imagem que o europeu cristalizou para o artesão nativo.¹⁶

Essas figuras exóticas, como bons heróis, apresentaram, no começo de suas histórias, comportamentos que trouxeram consequências posteriores em suas narrativas. Tanto o espírito boêmio atribuído por todos os pesquisadores do tema ao Aleijadinho quanto as traquinagens e a malandragem atribuídas por Mário ao Padre refletem certa tendência dos autores de imprimir na figura do mulato características morais que não seriam muito bem aceitas pela sociedade se expressas por um “branco”. Tais características, segundo estudiosos do tema, foram usadas como justificativa “divina” da suposta doença de Aleijadinho, enquanto trouxeram fantasmas juvenis que atormentaram, até o final da vida, o padre Jesuíno.

As características físicas também convergem no ponto de virada das duas histórias: a doença e o ingresso na vida religiosa. Após estes acontecimentos, ambos apresentam um comportamento de reclusão social e mudanças em suas características artísticas. Enquanto o amadurecimento

15 ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

16 GRAMMOND, Guiomar de. O Aleijadinho e o Aeroplano – o paraíso barroco e a construção do herói colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 49.

artístico de Aleijadinho, chamado anacronicamente nesta fase por muitos de “expressionista”, se dá a partir da doença, que é marcada pelo início de um isolamento social, vestuária mais carregada e suposta perda de membros, a mudança no aspecto artístico do Padre é de cunho moral. Após sua ordenação, sua vestimenta também se torna mais carregada, e, nesse momento, surge a tentativa de correção de todos os erros cometidos na juventude, como retoques de pinturas e atribuição da verdadeira autoria às “músicas roubadas”.

Também típico da construção heroica, os artífices terão seu desfecho marcado por um fim “trágico”. De um lado temos Aleijadinho, que implora a Deus “que sobre ele pusesse os seus divinos pés”, de outro um Padre frustrado por não ingressar na Ordem terceira do Carmo que tanto almejava e por não conseguir presenciar em vida a inauguração de seu maior projeto: a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio de Itu.

A construção andradiana de Jesuíno só foi possível pelo fato de, como no caso mineiro, o paulista ter um número expressivo de obras passíveis de serem atribuídas a ele, assim como documentações que comprovassem sua existência. Podemos identificar também vários outros motivos para a escolha deste personagem na construção, como a pequena presença de artífices, e homens em geral, em São Paulo na época – o que destaca o trabalho do ituano; A falta de instrução do Padre (dado frequente em artífices de toda produção colonial) – o que facilitou a transposição da “genialidade” pelo conceito modernista “talento nato”; O regionalismo andradiano – que o fez persistir durante o período em que os resultados de pesquisa eram escassos. Há também a grande coincidência entre as infâncias de Mário de Andrade e Padre Jesuíno do Monte Carmelo – os dois foram catequisados em igrejas de mesma ordem, um em São Paulo e o outro em Santos – além dos dois serem irmãos terceiros.

Analisando toda a pesquisa realizada por nós e também por outros pesquisadores relacionados tanto à Academia quanto a órgãos públicos, observamos uma imensa dificuldade na realização de uma pesquisa “científica” nas humanidades. Os pontos levantados em teses, dissertações, ensaios e outros gêneros adotados pela Academia, como monografias e pesquisas, são muito mais instáveis e dão margem para uma discussão muito mais inflamada do que os axiomas presentes nas ciências exatas. O próprio caso de Aleijadinho, que precisou ter sua existência comprovada em uma intensa “corrida intelectual” travada entre frentes contrárias e a favor de sua presença na

teoria da formação, é um exemplo claro do quão frágil pode ser uma teoria em nossa área de pesquisa. Mas até que ponto o debate intelectual se mostra um problema? Ou será que divergências em questões como essa não geram um desenvolvimento intelectual ainda maior?

A opinião pessoal, também muito evidente na crítica de Mário de Andrade, é um artifício utilizado em toda a história da arte pela grande maioria de críticos e historiadores para a elaboração de juízos de valor, não só para artistas e obras específicas, como também para períodos históricos inteiros. Em sua monografia sobre o Padre Jesuíno, Mário detecta esta característica e compromete-se a minorizá-la o máximo possível. O resultado que temos da leitura, porém, a nosso ver, é a não exclusão da mesma. Mas como fugir da opinião pessoal do autor, em um meio tão permeável à subjetividade como o nosso?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. 6 ed. Belo Horizonte : Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ANDRADE, Mário de. Mário de Andrade, cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945). Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- ANDRADE, Mário de. "O Aleijadinho". In: ANDRADE, Mário de. Aspectos das Artes Plásticas no Brasil. 2 ed. São Paulo: Martins, 1975.
- ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. São Paulo: Martins, 1963.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BARSALINI, Maria Silvia Ianni. Mário de Andrade constrói o Padre Jesuíno do Monte Carmelo. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-07122011-111729/>>. Acesso em: 2015-01-04.
- BRETAS, Rodrigo José Ferreira. Traços biográficos do finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho. Minas Gerais: UFMG, 2013.
- CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.
- CORBISIER, Roland. Formação e problema da cultura brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.

ETZEL, Eduardo. O barroco no Brasil: psicologia: remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. São Paulo: Melhoramentos: Universidade de São Paulo, 1974.

FERNANDES, Ana Candida Franceschini de Avelar. Por uma arte brasileira: modernismo, barroco e abstração expressiva na crítica de Lourival Gomes Machado. 2012. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-17052013-153846/>>. Acesso em: 2015-01-04.

GRAMMOND, Guiomar de. O Aleijadinho e o Aeroplano – o paraíso barroco e a construção do herói colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

TIRAPELI, Percival. Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial, 2005.

TIRAPELI, Percival. Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial, 2004.